

Oiteiro: uma janela aberta para as relações de gênero na segunda metade do século XIX

Genilson de Azevedo Farias¹

Introdução

A ideia da feitura do trabalho apresentado por ora, que ainda encontra-se em estágio inicial, surgiu ainda durante o processo de escrita da nossa dissertação de mestrado que se debruçou sobre a escritora norte-riograndense Auta de Souza (1876-1901). Este foi um momento em que tivemos contato com um conjunto diversificado de leituras, documentos e aportes que se remetiam à produção intelectual de outras escritoras do final do século XIX e início do século XX², tanto a nível nacional quanto a nível local.

Nesse sentido, em meio ao vulto de tantas mulheres do passado, surge o nome invulgar de Madalegna Antunes (1880-1859). A escritora cearaminense era filha de senhores de engenho do então próspero vale do Ceará-Mirim – RN, sendo, conforme nos diz o historiador e folclorista Luís Câmara Cascudo, uma típica sinhá moça brasileira. Assim ele escreveu sobre Madalegna: “(...) mãe e avó, criada em engenho de açúcar, com mãe preta, educada em colégio do Recife (...)” (CASCUDO, in: ANTUNES, 2003: 19).

Mas para além disso, Madalegna Antunes consagrou-se enquanto escritora do livro: **Oiteiro**: memórias de uma sinhá-moça, livro este de memórias e também autobiográfico publicado pela primeira vez em 1958. Além desse livro, a escritora também colaborou com jornais femininos locais: “O sonho” e “Esperança”, ambos editados e de circulação na cidade de Ceará-Mirim. Nesse sentido, trajetórias como a de Madalegna Antunes, revela-nos que desde há muito tempo, as mulheres potiguares, a

¹ Aluno de doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Bolsista Capes.

² A referida dissertação foi intitulada **Auta de Souza: a poeta de “pele clara, um moreno doce”**: memória e cultura da intelectualidade afrodescendente no Rio Grande do Norte pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFRN.

exemplo de outras mulheres brasileiras da mesma época, também almejavam se fazer presentes no espaço público.

Nesse sentido, diferentemente da corrente historiográfica clássica norteriograndense que durante muito tempo silenciou a participação das mulheres nos trabalhos realizados, nesta pesquisa fazemos o sentido inverso, nos atrelando a uma nova corrente que matiza a atuação feminina³. E nessa corrente, a categoria gênero tem bastante força, sendo um dos seus principais objetivos estudar a mulher em diálogo com o homem, observando suas relações sociais (SCOTT, 1995). Nesse sentido, é no seio dessa seara epistemológica que o nosso estudo busca se inserir, ou seja, é a partir de um viés que articula as batalhas entre homens e mulheres na história que trazemos ao centro das discussões Madalegna Antunes e sua escrita memorialística.

Madalegna Antunes, a mulher oitocentista e a arte da palavra pública

Em épocas mais recuadas, a arte da palavra escrita, bem como da leitura esteve vetada às mulheres haja vista não ser interessante aos homens, enquanto controladores do patriarcado, terem filhas e esposas alfabetizadas. No entanto, a partir do século XIX, o hábito da leitura começou a ganhar força, conquistando inclusive um novo público leitor: as mulheres burguesas. A leitura de romances, sobretudo, começou a despontar enquanto sinônimo de status entre essa classe, todavia, às mulheres eram feitas uma série de interdições, sobretudo em relação às leituras que atentavam contra o modelo ideal do que uma “moça de família” deveria ler (MORAIS, 2002).

Esse foi um momento produtivo para um grande número de mulheres porque a partir daí também começaram a escrever e publicar, primeiramente na Europa, em

³ Em relação a essas pesquisas que vem dando ênfase à trajetória de mulheres ao longo de mais de uma década, sobretudo as professoras e escritoras, podemos elencar os trabalhos da professora do Departamento de Educação da UFRN Maria Arisnete Câmara de Moraes que coordena o grupo de pesquisa: **Gênero e práticas culturais**. Nesse cenário, destacamos também a pesquisa da professora Constância Lima Duarte sobre Nísia Floresta (1810-1885), trabalho que culminou na publicação: **Nísia Floresta: vida e obra**. Em parceria com a professora e poeta Diva Cunha organizou trabalhos na linha de resgate da trajetória de escritoras oitocentistas, como a antologia **Leitura Feminina no Rio Grande do Norte**: de Nísia Floresta à Zila Mamede (2001). Por fim, destacamos também os estudos da professora Ana Laudelina Ferreira Gomes sobre Auta de Souza, pesquisa esta defendida em 2000 e que foi publicada sob o formato de livro impresso: **Auta de Souza: a noiva do verso**. Ana Laudelina também coordena a linha de pesquisa: **trajetórias, narrativas e poéticas de mulheres, artistas e intelectuais brasileiras**.



seguida nas Américas (TELLES, 2004). Destarte, mesmo com essa tímida abertura do espaço público para as mulheres, elas continuaram a ser marginalizadas, sendo excluídas de uma participação mais efetiva na sociedade ao mesmo tempo em que também eram impedidas de aprofundarem os estudos e de cursarem o ensino superior (ALMEIDA, 1998, 2007).

Em sua grande maioria, as mulheres oitocentistas brasileiras eram analfabetas, inclusive as abastadas, sendo tão somente relegadas ao espaço doméstico e resguardadas pelos pais, irmãos, maridos ou senhores (TELLES, 2004). Aquelas que, tal como Nísia Floresta, ousaram romper com as convenções sociais de sua época foram duramente perseguidas ficando excluídas do cânone literário, mesmo tendo produzido obras insignes.

Por cânone literário, nos diz Boaventura de Sousa Santos:

Entende-se por Cânone literário na cultura ocidental o conjunto de obras literárias que, num determinado momento histórico, os intelectuais e as instituições dominantes ou hegemônicas consideraram ser os mais representativos e os de maior valor e autoridade numa dada cultura oficial. (SANTOS, 2010: 71).

Indicativo dessa exclusão foi a visualização de nomes de mulheres a partir da consulta feita na revista **Oásis** de Natal, do Grêmio Literário Le Monde Marche. Neste periódico, visualizamos a presença de mulheres colaborando com escritos e mostrando através da arte da palavra que também almejavam ascender ao espaço público. A Revista **Oásis** circulou entre os anos de 1894 e 1904, servindo de referencial para a compreensão do comportamento e produção literária de Natal nesse contexto. Dentre os nomes de mulheres que figuram neste periódico, vale ressaltar a macaibense Auta de Souza (1876-1901), a assuense Anna Lima (1882-1918), a cearense Úrsula Garcia (1864-1905), a cearaminense Adelle de Oliveira (1884-1969) e Generosa Pinheiro (?-?) da qual não encontramos nenhuma referência.

Embora fossem intelectuais numa época em que a escrita feminina fosse desmerecida pela crítica, elas estiveram presentes. Até mesmo os estudiosos que se detiveram a estudar a cidade do Natal nesse período, dando destaque aos seus intelectuais e produções obliteraram a presença de mulheres no cenário da literatura fazendo apenas menções a elas, quando muito. No entanto, em contraposição a Auta de Souza cujos escritos de tornaram canônicos, cuja fama se estendeu a nível internacional,

outras escritoras permaneceram no anonimato. Nesse sentido, é preciso tirá-las do ostracismo em que ainda se encontram.

Dentro desse quadro de silêncio em que muitas mulheres ainda estão confinadas (PERROT, 2005), buscamos trazer ao centro do debate a trajetória da escritora Madaglena Antunes (1880-1959), oriunda da burguesia agrária do Ceará-Mirim, filha e esposa de senhores de engenho. Madalegna era irmã de poetas como Etelvina Antunes e Juvenal Antunes sendo ela precursora no cenário da literatura potiguar ao escrever a primeira obra do gênero memorialístico escrito por uma mulher no Rio Grande do Norte, ou seja, o livro **Oiteiro: Memórias de uma sinhá moça** em 1958, a qual foi publicada um ano antes de sua morte.

Após esta primeira publicação, o referido livro contou apenas com mais uma edição em 2003, ou seja, quarenta e cinco anos depois. E após esta segunda edição, já se passaram doze anos, tanto que os exemplares utilizados no nosso trabalho (o de 1958 e 2003) foram encontrados no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e o segundo num sebo local. Nesse sentido, até o fato das edições desta obra terem sido apenas duas ao longo de todo esse tempo também pode ser levado em consideração ao pensarmos o alheamento de muitos norte-riograndenses em relação à Madalegna e sua obra.

Em linhas gerais, o referido livro é considerado uma raridade, principalmente pelo fato de ter sido escrito por uma mulher, exatamente porque são poucas, quase raras, as memorialísticas femininas escritas no Brasil e, especialmente, em um momento em que os ciclos de poder literário e de imprensa ainda vedavam a abertura para as mulheres escritoras chegando inclusive a ser equiparado por Cascudo ao diário de Helena Morley **Minha Vida de Menina** (1942).

Assim coloca Cascudo:

Difíceis de encontrar entre os homens, não conheço muitos volumes de reminiscências escritos por mão feminina. Helena Morley creio ser uma exceção ilustre, com a deliciosa **Minha vida de menina**. Nós, do Rio Grande do Norte, teremos a honra de lavrar um tento, adiantando a Rainha do tabuleiro de xadrez. (...). Dona Madalena Antunes Pereira está terminando seu livro de reminiscências (CASCUDO, in: ANTUNES, 2003: 19).

Endossando ainda essa associação, assim nos diz Aldinida Medeiros:

Para o escritor e crítico Câmara Cascudo (2003), a narrativa de Madalegna Antunes lembra *Minha vida de menina*, de Helena Morley; afirmação com a qual concordamos resguardadas as devidas proporções, visto que as duas autoras tiveram vidas completamente diferentes, sobretudo no aspecto socioeconômico. O enredo está distribuído numa sequência cronológica, mostrando linearidade temporal, através da qual se pode acompanhar a infância, juventude e início de vida adulta da narradora, principalmente os anos passados fora de casa, em um colégio religioso do Recife (MEDEIROS, 2010: 18).

Mesmo a autora não tendo escrito outros livros, nem tendo pretendido seguir carreira literária como ela mesma afirma na nota **Aos leitores** presente no início de seu livro, seu estilo de escrita claro e espontâneo é comparado ao estilo da escritora inglesa Jane Austen (1775-1817) (CASCUDO, in: ANTUNES, 2003). Sobre essa busca por anonimato, assim ela coloca: “Quando comecei a escrever minhas memórias, não foi com o intuito de publicá-las.” (ANTUNES, 2003: 13). No entanto, ao registrar suas memórias e permitir que elas fossem publicadas, Madalegna Antunes através da palavra escrita, saiu do quadro de silêncio em que muitas mulheres ainda hoje se encontram deixando assim, um importante registro histórico do período em que viveu.

Vale ressaltar que nesse processo de tornar seus escritos públicos, Madalegna contou com o incentivo de diversas pessoas de sua família como ela bem pontua na nota **Aos Leitores**, quando na realidade, o que era bastante comum era que os escritos de mulheres fossem menosprezados dentro da própria família (DUARTE, 2009). Vários foram os escritos de mulheres escondidos para sempre em gavetas ou incinerados pela própria família (pelos pais, maridos, filhos ou netos) para que não chegasse ao conhecimento público. Muitas vezes, atos estes justificados pelo mero ciúme do intelecto e do espírito inventivo de suas filhas, esposas, mães, e avós.

Por outra via, havia também o medo dos homens de ver a imagem da família “manchada” ao se tornarem públicas todas as inquietações vivenciadas e registradas nos escritos dessas mulheres, sobretudo nos diários. Mas para além disso, destacamos também o fato da escrita feminina nos oitocentos, e ao longo de boa parte dos

novecentos, ser mal vista por chocar diretamente com o ideal de mulher que se queria para esse contexto: boa esposa e boa mãe (ALMEIDA, 1998, 2007). Ou seja, ser escritora chocava fortemente com o ideal de anjo do lar conforme afirma Ana Laudelina F. Gomes (2013).

Madalegna foi uma exceção a essa violência, a qual contou com o estímulo, inclusive de destacadas personalidades do cenário político e cultural do Rio Grande do Norte tais como o folclorista e historiador Câmara Cascudo, o político, jornalista e também sobrinho de Madalegna Nilo Pereira e a poeta Palmyra Wanderley. Sobre esse incentivo recebido, assim ela coloca: “Devo a resolução de hoje ao incentivo dos conterrâneos Câmara Cascudo, Nilo Pereira e Palmyra Wanderley, a estrela cinematográfica de nossa poesia” (ANTUNES, 2003: 13-14).

Mas o fato é que ao autobiografar-se, Madalegna Antunes não apenas deixou registrado rastros de sua vida, “mas tudo o que aconteceu dentro de uma época e tudo aquilo que retrata os lugares onde viveu, notadamente o engenho e a cidade de Ceará-Mirim” (MEDEIROS, 2010: 19). Sendo possível visualizarmos por exemplo, além de personalidades do seu círculo familiar como seu pai, mãe, tias e irmãos, personagens tais como trabalhadores da fazenda, e as tão estimadas escravas domésticas Tonha e Patica, a quem dedica várias páginas de sua memorialística.

Além disso, em seu livro, Madalegna inclui muitos detalhes da cultura escolar da época no que se refere às mulheres. Uma vez que a escritora traz para as páginas de **Oiteiro** as suas vivências como aluna interna durante cinco anos do colégio São José, escola católica da cidade do Recife destinada ao ensino de meninas das classes abastadas do império. Segundo a própria Madalegna, seus pais a internam nesse colégio para aprendesse a ser uma legítima dama da sociedade, tal como dona Yayá e dona Carlotinha, distintas senhoras da sociedade cearaminense. Assim Madalegna coloca sobre elas: “(...) Falavam francês e português. Elas sabiam mais do que o professor da cidade. Uma tocava piano admiravelmente e a outra bordava a ouro e desenhava muito bem (ANTUNES, 2003: 43).

A exemplo de outras escolas da época, o referido colégio promovia um padrão de ensino em que evidenciava e legitimava a sociedade patriarcal cujos valores enfatizavam que as mulheres deveriam se adequar a um modelo ideal de freiras

resignadas ou esposas devotadas. (FALCI, 1997). O que já nos diz muito sobre as relações de gênero vivenciadas no seio de uma instituição que primava por uma pedagogia que visava instruir o corpo e a alma das meninas e moças a um ideal de mulher que se queria nos oitocentos.

A autora também traz personagens anônimos da Ceará-Mirim de sua época em seu livro bem como eventos cotidianos que movimentavam a cidade. Como por exemplo, ao descrever os feirantes, os produtos vendidos e as pessoas que circulavam pela feira aos dias de sábado em busca de gêneros alimentícios e outros objetos de suas necessidades. Dessa forma, faz uma espécie de crônica da cidade a partir do seu olhar de visitante, sobretudo quando narra suas férias, no momento em voltava da escola para a sua cidade natal passar as festas de fim de ano.

Dessa forma, conforme nos diz Umberto Eco (1991), nenhuma obra está fechada após o autor colocar o último ponto se for um texto, ou passar a última pincelada de tinta se for um quadro, haja vista que cada leitor fará sua leitura a partir do seu lugar de observação criando uma nova obra a partir da já existente. E nisso, podemos afirmar que a obra de Madalegna Antunes ainda tem muito a dizer, ela abre muitas frentes para que possamos fazer diversas análises e interpretações, é uma verdadeira janela capaz de nos mostrar diversas relações, sobretudo de gênero, conforme é o nosso métier, relações estas vivenciadas pelas moças e mulheres burguesas da segunda metade do século XIX.

Considerações finais

Nesse sentido, a partir do que foi escrito, salientamos a importância de aprofundarmos os estudos em relação a esta escritora, que a exemplo de tantas outras escritoras do passado, ainda encontra-se envolvida numa névoa e à guisa de ser trazida ao centro do debate e ao conhecimento de todos. Trazer Madalegna Antunes e sua escrita autobiográfica e memorialística é para nós buscar compreender todo um contexto de lutas das mulheres por visibilidade e reconhecimento.

Muito já foi pesquisado sobre as mulheres escritoras em nosso país, isso é inegável como já foi dito anteriormente, todavia, ainda há muito a ser feito e embora os



estudos não tenham contemplado a atuação das escritoras elas se fizeram presentes, mesmo que em alguns casos, os homens, sejam pais, maridos e filhos não tenham encorajado o desenvolvimento intelectual das mulheres de suas famílias, seja por ciúmes, preconceito ou simplesmente pela ideia de que à mulher não cabia circular pelo espaço público como dito anteriormente.

Referências

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

_____. **Ler as letras: Porque ensinar meninas e mulheres?** São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo: Campinas: Autores Associados, 2007.

ANTUNES, Madalegna. **Oiteiro: memórias de uma sinhá moça**. Natal. A. S. Editores, 2003. (coleção Letras potiguares).

DUARTE, Constância Lima. **Nísia Floresta: vida e obra**. 2. Ed. Rev. Natal: EDUFRN. 2008.

_____. Arquivos de mulheres e mulheres anarquistas. In: *Gênero: Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero – NUTEG*. Niterói: EDUFF. 2009. p. 11-17.

DUARTE, Constância Lima; MACEDO, Diva Cunha Pereira de. **Leitura Feminina no Rio Grande do Norte: de Nísia Floresta à Zila Mamede: Ontologia**. Natal: Sebo Vermelho, 2001.

ECO, Umberto. **A obra aberta**. 8. Ed. Editora Perspectiva S. A. 1991. São Paulo.

FALCI, Mirian Knox. Mulheres do Sertão Nordeste. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto.1997.



GOMES, Ana Laudelina Ferreira. **Auta de Souza**: a noiva do verso. Natal: EDUFRN, 2013.

MEDEIROS, Aldinida. **Memória e autoria feminina em Oiteiro**. Imburana: revista do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-riograndenses/UFRN. N. 1, fev. 2010.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. **Leituras de mulheres no século XIX**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

MORLEY, Helena. **Minha vida de menina**. São Paulo: companhia das Letras. 2012.

PEREIRA, Lúcia Helena. **A sinhá moça do engenho oiteiro**. Disponível em: <http://letrasecanaviais.blogspot.com.br/2011/08/o-oiteiro-era-uma-visao-de-sonhos-nos.html>. Acesso em 15 set. 2013.

PEREIRA, Maria Madalegna Antugnes. **Oiteiro**: Memórias de uma sinhá moça. Rio de Janeiro: Pongetti. 1958. (Coleção Nísia Floresta).

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2005.

_____. **Mulheres públicas**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

PERROT, Michelle; DUBY, Georges. (orgs.) **História das Mulheres no Ocidente**. Vol. 4. Edições Afrontamento. 1990.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. V. 20(2) 71-99. Jul/dez. 1995.



TELLES, Norma. Escritoras, escritas e escrituras. In: PRIORE, Mary Del (Org). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 401-442.